Capítulo VI

Capital Constante e Capital Variável

Os diferentes fatores do processo de trabalho tomam parte de diferentes modos na formação do valor do produto.

O trabalhador acrescenta ao objeto do trabalho novo valor, por meio do acréscimo de determinado *quantum* de trabalho, abstraindo o conteúdo determinado, a finalidade e o caráter técnico do trabalho. Por outro lado, reencontramos os valores dos meios de produção consumidos como partes integrantes do valor do produto, por exemplo, os valores do algodão e do fuso no valor do fio. O valor dos meios de produção conserva-se, portanto, pela sua transferência ao produto. Essa transferência ocorre durante a transformação dos meios de produção em produto, no processo de trabalho. É mediada pelo trabalho. Mas como?

O trabalhador não trabalha duas vezes ao mesmo tempo, uma vez para agregar, por meio de seu trabalho, valor ao algodão, e outra vez para conservar seu valor anterior, ou, o que é o mesmo, para transferir ao produto, o fio, o valor do algodão que transforma e do fuso com o qual ele trabalha. Antes, pelo contrário, pelo mero acréscimo de novo valor conserva o valor antigo. Mas como o acréscimo de novo valor ao objeto de trabalho e a conservação dos valores antigos no produto são dois resultados totalmente diferentes que o trabalhador alcança ao mesmo tempo, embora trabalhe uma só vez durante esse tempo, essa dualidade do resultado só pode explicar-se, evidentemente, pela dualidade de seu próprio trabalho. No mesmo instante, o trabalho, em uma condição, tem de gerar valor e em outra condição deve conservar ou transferir valor.

Como é que todo trabalhador agrega tempo de trabalho e, portanto, valor? Sempre apenas sob a forma de seu modo peculiar de trabalho produtivo. O fiandeiro só agrega tempo de trabalho, fiando, o tecelão, tecendo, o ferreiro, forjando. Mediante essa forma orientada a um fim, porém, sob a qual agregam trabalho em geral e, por isso, novo valor, mediante o fiar, tecer e forjar, os meios de produção algodão

e fuso, fio e tear, ferro e bigorna tornam-se elementos constituintes de um produto, de um novo valor de uso.[312] A forma antiga de seu valor de uso desaparece, mas só para aparecer sob nova forma de valor de uso. Ao considerar o processo de formação de valor vimos que, na medida em que se consome um valor de uso a fim de produzir novo valor de uso, o tempo de trabalho necessário para a produção do valor de uso consumido forma parte do tempo de trabalho necessário para a produção do novo valor de uso, portanto é tempo de trabalho que se transfere do meio de produção consumido ao novo produto. O trabalhador conserva, portanto, os valores dos meios de produção consumidos ou os transfere, como partes componentes do valor, ao produto, não pelo seu acréscimo de trabalho em geral, mas pelo caráter particularmente útil, pela forma específica produtiva desse trabalho adicional. Como atividade produtiva, adequada a um fim — fiar, tecer, forjar —, o trabalho, através de seu mero contato, ressuscita dos mortos os meios de produção, os vivifica para serem fatores do processo de trabalho e se combina com eles para formar produtos.

Se o trabalho específico produtivo do trabalhador não fosse o de fiar, ele não transformaria o algodão em fio e, portanto, não transferiria os valores do algodão e do fuso ao fio. Se, no entanto, o mesmo trabalhador mudar de profissão e se tornar marceneiro, agregará, depois como antes, valor a seu material mediante uma jornada de trabalho. Agrega valor, portanto, mediante seu trabalho não por ser trabalho de fiação ou de marcenaria, mas por ser trabalho abstrato, social geral, e agrega determinada grandeza de valor não por ter seu trabalho um conteúdo particular, útil, mas porque dura um tempo determinado. Portanto, em virtude de sua propriedade abstrata, geral, como dispêndio de força de trabalho humana, o trabalho do fiandeiro agrega novo valor aos valores do algodão e do fuso, e em virtude de sua propriedade concreta, específica, útil, como processo de fiação, transfere o valor desses meios de produção ao produto e recebe assim seu valor no produto. Daí a dualidade do seu resultado no mesmo instante.

Pela mera agregação quantitativa de trabalho, valor novo é agregado; pela quantidade do trabalho agregado os valores antigos dos meios de produção são conservados no produto. Esse efeito dual do mesmo trabalho em virtude de seu caráter dual se mostra tangivelmente em diversos fenômenos.

Suponha que uma invenção qualquer capacite o fiandeiro a fiar em 6 horas a mesma quantidade de algodão que fiava antes em 36. Como atividade adequada a um fim, útil e produtiva, seu trabalho aumentou sua força seis vezes. Seu produto é seis vezes maior, 36 libras de fio em vez de 6. Mas as 36 libras de algodão absorvem agora

312 "O trabalho gera uma nova criação em lugar de uma aniquilada." (*An Essay on the Polit. Econ. of Nations*. Londres, 1821. p. 13.)

apenas o mesmo tempo de trabalho que antes absorviam 6. Seis vezes menos trabalho novo lhes é agregado em comparação com o método antigo, portanto apenas 1/6 do valor anterior. Por outro lado existe agora um valor em algodão seis vezes maior no produto, nas 36 libras de fio. Nas 6 horas de fiação um valor em matéria-prima seis vezes maior é conservado e transferido ao produto, embora à mesma matéria-prima seja agregado um valor novo seis vezes menor. Isso demonstra que a propriedade em virtude da qual o trabalho, durante o mesmo processo indivisível, conserva valores é essencialmente diferente da propriedade em virtude da qual ele cria valores. Quanto mais tempo de trabalho necessário é absorvido durante a operação de fiar pelo mesmo *quantum* de algodão, tanto maior é o novo valor agregado ao algodão; mas quanto mais libras de algodão são fiadas no mesmo tempo de trabalho, tanto maior é o valor antigo conservado no produto.

Suponha, ao contrário, que a produtividade do trabalho de fiação fique a mesma, o fiandeiro precisando, depois como antes, do mesmo tempo para transformar 1 libra de algodão em fio. Mas suponha que mude o valor de troca do próprio algodão, 1 libra de algodão suba ou caia no preço, de seis vezes. Em ambos os casos, o fiandeiro continua a acrescentar ao mesmo *quantum* de algodão o mesmo tempo de trabalho, portanto o mesmo valor, e em ambos os casos produz no mesmo tempo a mesma quantidade de fio. Todavia, o valor que transfere do algodão ao fio, ao produto, é num caso seis vezes menor, noutro caso, seis vezes maior que antes. O mesmo ocorre quando os meios de trabalho se tornam mais caros ou mais baratos, prestando, porém, sempre o mesmo serviço no processo de trabalho.

Se as condições técnicas do processo de fiação não se alterarem, nem houver mudança de valor nos meios de produção, o fiandeiro consome, depois como antes, no mesmo tempo de trabalho, as mesmas quantidades de matéria-prima e de maquinaria com os mesmos valores. O valor, que ele conserva no produto, se mantém em razão direta ao novo valor que ele agrega. Em duas semanas agrega duas vezes mais trabalho do que em uma, portanto duas vezes mais valor, e ao mesmo tempo consome duas vezes mais material, de duas vezes mais valor, e deprecia duas vezes mais maquinaria, de um valor duas vezes maior; ele conserva, portanto, no produto de duas semanas mais valor do que no produto de uma semana. Sob condições dadas imutáveis de produção, o trabalhador conserva tanto mais valor quanto mais valor agrega, mas não conserva mais valor porque agrega mais valor, mas por agregá-lo sob condições invariáveis e independentes de seu próprio trabalho.

No entanto, pode-se dizer, em sentido relativo, que o trabalhador sempre conserva valores antigos na mesma proporção em que acrescenta valor novo. Suba o algodão de 1 para 2 xelins, ou caia para 6 pence, ele conservará no produto de 1 hora sempre apenas metade do

valor em algodão que conserva em 2 horas, qualquer que seja a variação desse valor. Varie ainda a produtividade de seu próprio trabalho, aumentando ou diminuindo, ele fiará em 1 hora de trabalho, por exemplo, mais ou menos algodão que antes, e conservará correspondentemente mais ou menos valor em algodão no produto de 1 hora de trabalho. Contudo, conservará em 2 horas de trabalho duas vezes mais valor do que em 1.

Valor, abstraindo sua representação puramente simbólica no signo de valor, existe apenas num valor de uso, numa coisa. (O próprio homem, considerado mera existência de força de trabalho, é um objeto natural, uma coisa, embora uma coisa viva, consciente, e o próprio trabalho é manifestação material dessa força.) Portanto, se o valor de uso se perde, perde-se também o valor. Os meios de produção não perdem, simultaneamente com seu valor de uso, seu valor, porque de fato só perdem a figura originária de seu valor de uso, por meio do processo de trabalho, para ganhar no produto a figura de outro valor de uso. Por mais, porém, que importe ao valor existir num valor de uso qualquer, lhe é igualmente indiferente em qual deles ele existe, como o mostra a metamorfose das mercadorias. Segue-se daí que no processo de trabalho só se transfere valor do meio de produção ao produto, na medida em que o meio de produção, juntamente com seu valor de uso independente, também perca seu valor de troca. Ele cede ao produto apenas o valor que perde como meio de produção. Os fatores objetivos do processo de trabalho, porém, comportam-se, a esse respeito, diferentemente.

O carvão com que se aquece a máquina desaparece sem deixar vestígios, do mesmo modo o óleo com que se lubrifica o eixo da roda etc. Tinta e outras matérias auxiliares desaparecem, mas se mostram nas propriedades do produto. A matéria-prima constitui a substância do produto, mas mudou sua forma. Matéria-prima e matérias auxiliares perdem, portanto, a figura independente com que entram no processo de trabalho como valores de uso. Isso é diferente com os meios de trabalho propriamente ditos. Um instrumento, uma máquina, um edifício de fábrica, um recipiente etc. prestam serviço no processo de trabalho apenas enquanto conservam sua figura originária, entrando amanhã no processo de trabalho com a mesma forma com que entraram ontem. Como durante sua vida, durante o processo de trabalho, conservam sua figura independente em face do produto, assim também o fazem após sua morte. Os cadáveres de máquinas, instrumentos, edifícios industriais etc. continuam a existir separados dos produtos que ajudaram a formar. Se considerarmos todo o período em que tal meio de trabalho presta serviço, desde o dia de sua entrada na oficina até o dia de seu banimento ao despejo, veremos que, durante esse período, seu valor de uso foi inteiramente consumido pelo trabalho e seu valor de troca transferiu-se, por isso, totalmente ao produto. Se, por exemplo,

uma máquina de fiar teve vida útil de 10 anos, então seu valor total transferiu-se, durante o processo de trabalho de 10 anos, ao produto de 10 anos. O período de vida de um meio de trabalho compreende, portanto, um número maior ou menor de processos de trabalho, repetidos com ele sempre de novo. E acontece ao meio de trabalho o mesmo que ao homem. Todo homem perece diariamente por 24 horas. Mas não se nota em ninguém por quantos dias já pereceu. Isso não impede, entretanto, as companhias de seguros de vida de tirarem, da vida média dos homens, conclusões muito seguras e, o que é muito mais, muito lucrativas. O mesmo ocorre com o meio de trabalho. Sabe-se, por experiência, quanto tempo um meio de trabalho, determinado tipo de máquina, por exemplo, dura em média. Suponhamos que seu valor de uso, no processo de trabalho, dure apenas 6 dias. Perde então, em cada dia de trabalho, 1/6 de seu valor de uso e cede, por isso, 1/6 de seu valor ao produto diário. Desse modo calcula-se a depreciação de todos os meios de trabalho, isto é, por exemplo, sua perda diária de valor de uso e sua correspondente transferência diária de valor ao produto.

Isso demonstra convincentemente que um meio de produção nunca transfere mais valor ao produto do que perde no processo de trabalho pela destruição de seu próprio valor de uso. Se não tivesse valor a perder, isto é se não fosse ele mesmo produto do trabalho humano, então não transferiria nenhum valor ao produto. Serviria de formador de valor de uso sem servir de formador de valor de troca. Isso ocorre com todos os meios de produção preexistentes por natureza, sem colaboração humana, como a terra, o vento, a água, o ferro no filão, a madeira da floresta virgem etc.

Outro fenômeno interessante apresenta-se-nos aqui. Suponhamos que uma máquina tenha, por exemplo, um valor de 1 000 libras esterlinas e se deprecie em 1 000 dias. Nesse caso, todo dia 1/1 000 do valor da máquina passa dela mesma a seu produto diário. Ao mesmo tempo, a máquina inteira continua a atuar, embora com decrescente força vital, no processo de trabalho. Vê-se, portanto, que um fator do processo de trabalho, um meio de produção, entra em sua totalidade no processo de trabalho, mas só em parte no processo de valorização. A diferença entre processo de trabalho e processo de valorização reflete-se aqui em seus fatores objetivos, dado que o mesmo meio de produção conta, em sua totalidade, como elemento do processo de trabalho, e apenas em parte como elemento da formação de valor.[313]

313 Não se trata aqui de consertos dos meios de trabalho, máquinas, construções etc. Uma máquina que está sendo consertada não funciona como meio de trabalho, mas como material de trabalho. Não se trabalha com ela, mas ela mesma é trabalhada, para remendar seu valor de uso. Para nosso fim, pode-se considerar tais trabalhos de reparação sempre incluídos no trabalho exigido para a produção do meio de trabalho. No texto trata-se da depreciação que nenhum médico pode curar e que progressivamente leva à morte, de "aquela espécie de desgaste que não se pode reparar de tempo a tempo e que, por exemplo, leva uma faca

Por outro lado, um meio de produção pode, ao contrário, entrar totalmente no processo de valorização, embora apenas parcialmente no processo de trabalho. Suponha que, ao fiar o algodão, haja a cada 115 libras 15 que não constituem fio, mas apenas *devil's dust*.[314] Apesar disso, se esse desperdício de 15 libras for normal e inseparável da elaboração média do algodão, o valor dessas 15 libras, que não constituem elemento do fio, entra do mesmo modo no valor do fio que o valor das 100 libras que constituem sua substância. O valor de uso de 15 libras de algodão tem de tornar-se pó para fazer 100 libras de fio. A perda desse algodão é, portanto, uma condição da produção do fio. Por isso mesmo transfere seu valor ao fio. Isso vale para todos os excrementos do processo de trabalho, pelo menos na medida em que esses excrementos não constituem outra vez novos meios de produção e, por conseguinte, novos valores de uso independentes. Vê-se, por exemplo, nas grandes fábricas de máquinas em Manchester, montanhas de refugos de ferro, produzidos por máquinas ciclópicas como se fossem aparas de madeira, que são transportados à noite em grandes carros da fábrica à fundição de ferro, para voltarem no dia seguinte da fundição de ferro à fábrica como ferro maciço.

Os meios de produção, apenas na medida em que, durante o processo de trabalho, perdem valor na figura de seus valores antigos de uso, transferem valor à nova figura do produto. O máximo de perda de valor que podem sofrer no processo de trabalho está evidentemente limitado pela grandeza originária de valor com que entram no processo de trabalho, ou pelo tempo de trabalho exigido para sua própria produção. Meios de produção nunca podem, por isso, agregar ao produto mais valor do que possuem, independentemente do processo de trabalho a que servem. Por mais útil que seja um material de trabalho, uma máquina, um meio de produção: se custa 150 libras esterlinas, digamos 500 dias de trabalho, nunca agregará ao produto total, que contribui a formar, mais que 150 libras esterlinas. Seu valor não é determinado

finalmente a tal estado que o cuteleiro diz não valer mais a pena colocar uma lâmina nova". Viu-se no texto que uma máquina, por exemplo, entra por inteiro em cada processo de trabalho, mas só em parte no processo de valorização que se realiza simultaneamente. Julgue-se, em função disso, a seguinte confusão de conceitos: "Ricardo fala da quantidade de trabalho despendida na fabricação de uma máquina de fazer meias, pelo construtor de máquinas", como contida, por exemplo, no valor de um par de meias. "Entretanto, a totalidade de trabalho que produz cada par de meias (...) inclui a totalidade do trabalho do construtor de máquinas e não apenas uma parte; pois uma máquina faz na verdade muitos pares de meias, mas nenhum desses pares poderia ter sido fabricado com a renúncia a alguma parte da máquina". (*Observations on Certain Verbal Disputes in Pol. Econ. Particularly Relating to Value, and to Demand and Supply*. Londres, 1821. p. 54.) O autor, um "*wiseacre*"* extremamente presunçoso, só tem razão com sua confusão e, por isso, com sua polêmica na medida em que nem Ricardo nem qualquer outro economista, antes ou depois dele, distinguiu exatamente os dois aspectos do trabalho, tendo, portanto, menos ainda seus diferentes papéis na formação do valor.

* Sabichão. (N. dos T.)

314 Pó de algodão. (N. dos T.)

pelo processo de trabalho em que entra como meio de produção, mas pelo processo de trabalho de que sai como produto. No processo de trabalho só serve de valor de uso, de coisa com propriedades úteis, e não transferiria, por isso, nenhum valor ao produto, se já não tivesse possuído valor antes de sua entrada no processo.[315]

Ao transformar o trabalho produtivo meios de produção em elementos constituintes de um novo produto, ocorre com o seu valor uma transmigração de almas. Ele transmigra do corpo consumido ao corpo recém-estruturado. Mas essa transmigração de almas ocorre igualmente às costas do verdadeiro trabalho. O trabalhador não pode agregar novo trabalho e, portanto, criar novo valor, sem conservar valores antigos, pois ele tem de agregar o trabalho sempre sob uma forma útil, e ele não pode agregá-lo em forma útil sem fazer de produtos meios de produção de um novo produto e, com isso, transferir seu valor ao novo produto. É portanto um dom natural da força de trabalho em ação, do trabalho vivo, conservar valor ao agregar valor, um dom natural que nada custa ao trabalhador mas que rende muito ao capitalista, a conservação do valor preexistente do capital.[316] Enquanto o negócio marcha bem, o capitalista está aprofundado demais no ganho de excedente para ver esse dom gratuito do trabalho. Interrupções violentas do processo de trabalho, crises, tornam-no sensivelmente perceptível.[317]

315 Compreende-se, por isso, a falta de senso do insípido J.-B Say, que quer deduzir a mais-valia (juros, lucro, renda) dos *services productifs** que os meios de produção terra, instrumentos, couro etc. prestam no processo de trabalho por meio de seus valores de uso. O sr. Wilhelm Roscher, que dificilmente deixa de registrar preto no branco especiosas idéias apologéticas, exclama: "J.-B. Say observa com muita razão em *Traité,* t. I, cap. 4, que o valor produzido por um moinho de azeite, depois de deduzir todos os custos, é algo novo, essencialmente diferente do trabalho que criou o próprio moinho". (*Op. cit.*, p. 82, nota.) Muito certo. O "óleo" produzido pelo moinho de azeite é algo muito diferente do trabalho que custa a construção do moinho. E por "valor" entende o sr. Roscher coisas como "óleo", pois "óleo" tem valor e "na Natureza" encontra-se óleo mineral, embora relativamente "não muito", fato a que se refere sua outra observação: "Ela" (a Natureza!) "quase não produz valores de troca". [*Op. cit.*, p. 79.] Sucede à Natureza de Roscher com o valor de troca o mesmo que à virgem tola com o filho, que apenas "era muito pequeno". Esse mesmo "sábio" (*savant sérieux*) observa ainda, na ocasião mencionada acima: "A escola de Ricardo costuma subordinar também o capital no conceito de trabalho, como 'trabalho poupado'. Isso é inadequado (!) como (!) o possuidor do capital (!), sem dúvida (!), fez mais (!) do que a mera (?!) produção (?) e (??) conservação do mesmo (do quê?): a saber (?!?) a abstinência do próprio prazer, pelo que exige, por exemplo (!!!) juros". (*Op. cit.*, [p. 82].) Quão adequado (!) é esse "método anatômico-fisiológico" da Economia Política que do mero "desejo" desenvolve pois o "valor".
* Serviços produtivos. (N. dos T.)

316 "De todos os recursos auxiliares na agricultura, o trabalho do homem é (...) aquele do qual o *farmer* mais depende para a reposição de seu capital. Os outros dois — a disponibilidade de animais de trabalho e (...) os carros, arados, pás etc. — não são nada sem certa quantidade do primeiro." (BURKE, Edmund. *Thoughts and Details on Scarcity, Originally Presented to the Rt. Hon. W. Pitt in the Month of November 1795*. Edit. Londres, 1800, p. 10.)

317 No *Times* de 26 de novembro de 1862, um fabricante cuja fiação ocupa 800 trabalhadores e consome semanalmente, em média, 150 fardos de algodão da Índia, ou aproximadamente 130 fardos de algodão americano, queixa-se ao público sobre os custos anuais ocasionados pela paralisação de sua fábrica. Ele as avalia em 6 mil libras esterlinas. Entre esses custos encontram-se muitos itens que não nos interessam aqui, como renda da terra, impostos, prêmios de seguro, ordenados de trabalhadores contratados anualmente, *manager,** contador,

O que se consome dos meios de produção é seu valor de uso, pelo consumo do qual o trabalho forma produtos. Seu valor não é, de fato, consumido,[318] nem pode, portanto, ser reproduzido. Ele é conservado, não porque uma operação ocorre com ele mesmo no processo de trabalho, mas porque o valor de uso, em que existia originalmente, na verdade desaparece, mas desaparece apenas em outro valor de uso. O valor dos meios de produção reaparece, por isso, no valor do produto, mas, falando exatamente, ele não é reproduzido. O que é produzido é o novo valor de uso, em que reaparece o antigo valor de troca.[319]

É diferente o que acontece com o fator subjetivo do processo de trabalho, a força de trabalho em ação. Enquanto o trabalho, por meio de sua forma adequada a um fim, transfere o valor dos meios de produção ao produto e o conserva, cada momento de seu movimento cria valor adicional, novo valor. Suponhamos que o processo de produção se interrompa no ponto em que o trabalhador tenha produzido um equivalente do valor de sua própria força de trabalho, tendo agregado mediante trabalho de 6 horas, por exemplo, um valor de 3 xelins. Esse valor forma o excedente do valor do produto sobre seus componentes devidos ao valor dos meios de produção. Ele é o único valor original que surgiu de dentro desse processo, a única parte de valor do produto que é produzida pelo próprio processo. Certamente, substitui apenas o dinheiro adiantado pelo capitalista na compra da força de trabalho e gasto pelo próprio trabalhador em meios de subsistência. No que se refere aos 3 xelins despendidos, o novo valor de 3 xelins aparece apenas como reprodução. Mas ele é reproduzido realmente, e não só aparen-

engenheiro etc. Mas então calcula 150 libras esterlinas por carvão, a fim de aquecer de tempos em tempos a fábrica e pôr em movimento, ocasionalmente, a máquina a vapor, além disso, salários para trabalhadores que, mediante trabalho de ocasião, mantêm a maquinaria em "fluxo". Finalmente 1 200 libras esterlinas pela deterioração da maquinaria, uma vez que "o tempo e as causas naturais da decadência não suspendem sua atuação porque a máquina a vapor deixa de girar". Observa expressamente que essa soma de 1 200 libras esterlinas é tão baixa porque o estado da maquinaria é de muito uso.

* Gerente. (N. dos T.)

318 "Consumo produtivo: onde o consumo de uma mercadoria é parte do processo de produção. (...) Nesses casos, não há consumo de valor." (NEWMAN, S. P. *Op. cit.*, p. 296.)

319 Num compêndio norte-americano, do qual houve talvez 20 edições, lê-se: "Não é significativa a forma sob a qual o capital reaparece". Depois de uma loquaz enumeração de todos os possíveis ingredientes da produção cujo valor reaparece no produto, diz-se finalmente: "As diferentes espécies de alimentos, roupas e habitações necessárias à existência e ao conforto do homem são igualmente transformadas. São consumidas de tempo em tempo, e seu valor reaparece na nova força que emprestam ao seu corpo e ao seu espírito, constituindo assim novo capital que se aplica de novo no processo de produção". (WAYLAND, F. *Op. cit.*, p. 31-32.) Abstraindo todas as demais esquisitices, não é, por exemplo, o preço do pão que reaparece na força renovada, mas suas substâncias formadoras de sangue. O que reaparece, ao contrário, como valor da força, não são os meios de subsistência, mas seu valor. Se os mesmos alimentos custam apenas a metade, produzirão exatamente a mesma quantidade de músculos, ossos etc., em suma, a mesma força, mas não força do mesmo valor. Essa conversão de "valor" em "força" e toda essa indeterminação farisaica, dissimulam a tentativa, de resto vã, de fazer surgir uma mais-valia do mero reaparecimento de valores adiantados.

temente, como o valor dos meios de produção. A substituição de um valor pelo outro é mediada aqui por criação nova de valor.

Já sabemos, entretanto, que o processo de trabalho perdura além do ponto em que seria reproduzido um simples equivalente do valor da força de trabalho e agregado ao objeto de trabalho. Em vez das 6 horas, que bastam para isso, o processo dura, por exemplo, 12 horas. Mediante a atividade da força de trabalho, reproduz-se, portanto, não só seu próprio valor, mas produz-se também valor excedente. Essa mais-valia forma o excedente do valor do produto sobre o valor dos constituintes consumidos do produto, isto é, dos meios de produção e da força de trabalho.

Ao apresentar os papéis que os diversos fatores do processo de trabalho desempenham na formação do valor do produto, caracterizamos, de fato, as funções das diferentes partes componentes do capital em seu próprio processo de valorização. O excedente do valor total do produto sobre a soma dos valores de seus elementos constituintes é o excedente do capital valorizado sobre o valor do capital originalmente adiantado. Meios de produção, de um lado, e força de trabalho, do outro, são apenas as diferentes formas de existência que o valor do capital originário assumiu ao desfazer-se de sua forma dinheiro e ao transformar-se nos fatores do processo de trabalho.

A parte do capital, portanto, que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, matérias auxiliares e meios de trabalho, não altera sua grandeza de valor no processo de produção. Eu a chamo, por isso, parte constante do capital, ou mais concisamente: capital constante.

A parte do capital convertida em força de trabalho em contraposição muda seu valor no processo de produção. Ela reproduz seu próprio equivalente e, além disso, produz um excedente, uma mais-valia que ela mesma pode variar, ser maior ou menor. Essa parte do capital transforma-se continuamente de grandeza constante em grandeza variável. Eu a chamo, por isso, parte variável do capital, ou mais concisamente: capital variável. As mesmas partes componentes do capital, que do ponto de vista do processo de trabalho se distinguem como fatores objetivos e subjetivos, como meios de produção e força de trabalho, se distinguem, do ponto de vista do processo de valorização, como capital constante e capital variável.

O conceito do capital constante não exclui, de modo algum, uma revolução do valor de suas partes componentes. Suponha que 1 libra de algodão custe hoje 6 pence e suba amanhã, em virtude de uma queda na colheita de algodão, a 1 xelim. O algodão velho, que continua a ser elaborado, foi comprado ao valor de 6 pence, mas agrega agora ao produto um valor de 1 xelim. E o algodão que já está fiado e talvez esteja circulando no mercado, sob a forma de fio, agrega também ao produto o dobro de seu valor original. Vê-se, porém, que essas alterações de valor são independentes da valorização do algodão no próprio processo de fiação. Se o algodão velho não tivesse entrado ainda no processo de trabalho, poderia ser revendido agora por 1 xelim, em vez de 6

pence. Ao contrário: quanto menos processos de trabalho ele ainda tenha a percorrer, tanto mais seguro é esse resultado. Por isso, é uma lei da especulação, em tais revoluções de valor, especular com a matéria-prima em sua forma menos elaborada, isto é, antes com o fio do que com o tecido e antes com o próprio algodão do que com o fio. A mudança de valor se origina aqui no processo que produz algodão, e não no processo em que funciona como meio de produção e, por isso, como capital constante. Ainda que o valor de uma mercadoria seja determinado pelo *quantum* de trabalho contido nela, esse próprio *quantum* é socialmente determinado. Se muda o tempo de trabalho socialmente necessário para sua produção — e o mesmo *quantum* de algodão, por exemplo, representa maior *quantum* de trabalho em colheitas desfavoráveis do que em favoráveis — há um efeito retroativo sobre a mercadoria antiga, que sempre vale como exemplo isolado de sua espécie,[320] cujo valor sempre se mede pelo trabalho socialmente necessário, isto é, sempre pelo trabalho necessário nas condições sociais presentes.

Assim como o valor da matéria-prima, o valor dos meios de produção que já prestam serviço no processo de produção, da maquinaria, por exemplo, pode variar, e, portanto, também a parte de valor que transferem ao produto. Se, por exemplo, em conseqüência de uma nova invenção, se reproduz maquinaria da mesma espécie com menos dispêndio de trabalho, a antiga maquinaria é mais ou menos desvalorizada e transfere, por isso, relativamente menos valor ao produto. Mas também aqui a mudança de valor origina-se fora do processo de produção, em que a máquina funciona como meio de produção. Nesse processo nunca cede mais valor do que possui independentemente dele.

Assim como uma mudança no valor dos meios de produção, mesmo quando ocorre retroativamente após sua entrada no processo, não altera seu caráter como capital constante, tampouco uma mudança na proporção entre o capital constante e variável atinge sua diferença funcional. As condições técnicas do processo de trabalho podem ser transformadas de forma que, por exemplo, onde antes 10 trabalhadores com 10 ferramentas de pouco valor processavam uma massa relativamente pequena de matéria-prima, agora 1 trabalhador com 1 máquina cara processa cem vezes mais matéria-prima. Nesse caso, o capital constante, isto é, a massa de valor dos meios de produção empregados, teria crescido consideravelmente e a parte do capital variável, adiantada sob a forma de força de trabalho, teria caído muito. Essa mudança altera, entretanto, apenas a relação de grandezas entre o capital constante e o variável, ou a proporção em que o capital total se decompõe em componentes constantes e variáveis, mas em contraposição não atinge a diferença entre constante e variável.

320 "Todos os produtos da mesma espécie formam, na verdade, nada mais que uma massa cujo preço é determinado de modo geral e sem consideração às circunstâncias específicas." (LE TROSNE. *Op. cit.*, p. 893.)